

LUZ GLORIOSA

POEMA



DE



RONALD DE CARVALHO

IMCDDVFA

Para
as
mãos
de
Fernando Pessoa,
fraternal -

Ronald de Carvalho
Rio - MCMXXIV

LUZ GLORIOSA

POEMA



DE



RONALD DE CARVALHO

Vive só para a gloria de ti mesmo...

*Canta a gloria da Vida
dentro do ouro dos teus sentidos...
Canta a gloria do Mar
e as galéras de prôa grafilada,
num desespero heroico de conquistas...
Canta o Sangue que arde no teu Sangue,
a immortalisação da tua Carne...
Canta a luz na alleluia de teus olhos,
no incendio flavo das retinas loucas...
Canta o Som na Memoria do Silencio
e as vozes mortas que não escutaste...
Canta o perfume dos incensos gothicos
na labareda rubra dos vitraes...
... e a Saudade das flôres que não viste...
Canta a alma exul das mãos que te pensaram
o pús das chagas que te engrandeceram...
Canta longe da vida a tua Vida
Canta a Alegria de viver contigo...*

VIDA

HEROICA

ALLEGORIA

I

Gloria ao Sól que renova a alegria da Vida
na immortalisação de todos os sentidos...
Sól de ouros pelo Occaso e no Levante...
Sól pagão...velho artista
das paizagens do azul... da agoarela esbatida
de penumbras subtis, entre ramos perdidos,
a sonhar... a sonhar, na fronde farfalhante
um Sonho symbolista...

II

Todo o ambiente é uma fuga unisona e bizarra,
na estranha orquestração de chilros e trinados...
Vozes cancionam no ar... vozes serenas...

Escorre ouro do céu...

A alma flava do estio estala na cigarra
e desabrocha, no alto, em ramos esgalhados,
e sóbe para Altura e delira nas pennas
de azas que vão, ao lèo...

III

O homem desperta e, com elle, estúa a intensa luta
das velhas ambições... o dia é uma memoria
e uma recordação... é uma Saudade
que o Sól-Pôsto renova...

— As mãos, cheias do pó que vem da força bruta
deixam signaes de dôr entre signaes de gloria...

— De cada aresta o sangue escorre, o sangue que hade
ser luz numa alma nova...

IV

O Dia é uma apothéose a todos os instinctos...
é a religião da côr... dos incensos... das azas...
o Dia é a luz — a esmóla dos afflictos,
a irmã dos que não têm...

A luz é a evocação dos minutos extinctos
— Meu amôr... nosso amôr... cinza de antigas brazas...
A luz abre o infinito em outros infinitos,
a luz é a gloria e o bem...

V

Rubis do Sól-Levante... amethistas do Poente...

Safiras do Verão... turmalinas do Outono...

toda a gamma solar em pedrarias !...

Cobre... Zinco... metaes...

— A invernia da côr de um céu convalescente,
bruma cinzenta de opio entre nevoeiros... somno
da luz... já vem o Sól coalhar de azul os dias,
e de louro os trigaes...

VI

A luz immortalisa a Vida transitoria
na alleluia sensual e estranha dos sentidos...
e é côr... e é tacto... e é musica... e os resume
numa flava esthesia...
— Desespero nas mãos... Saudade na memoria
Ouro... allucinação dos dias esquecidos...
Sangue dos arrebóes... Carne de ambar... perfume...
labareda... Alegria...

VII

— Incendio nos vitraes poeirentos... seculares...
Ardem ogivas no ar sob um céu de cobalto.

— Claro-escuro de sombras e de chammass
na estrada indefinida...

Paizagem linda, Poéta... e si um dia a encontrares
no teu caminho, pára... alarga o olhar para o Alto
e bebedo de Sól, numa sede de gammas,
canta a gloria da luz... que a luz é a Vida...

OS SONETOS

DA

VIDA

SONETO BRANCO

A vóz dos sinos cáe do alto das torres brancas,
vóz de incenso e de aroma esfumada entre as aras...
... vóz de Silencio... vóz das madrugadas francas,
dos crepusculos de ouro e das espumas claras...

— Quanto delirio dás... quanta emoção arrancas
da poeira dos desvãos... vóz de estólas e tiaras!...
Abres ao condemnado as grilhetas e as trancas,
na evocação pagã de um vôo de azas raras —

E alma solta no céu — hereje — ólho, constricto,
a distancia, que a vóz dos sinos engrandece,
como um rasgão de Sól, na mudez do infinito...

E as cathedraes... lá-longe... á meia-luz dorida,
accordam na Memoria as torturas da prece,
as fraquezas da crença e as mentiras da Vida...

SONETO VERDE

Velha galéra... ao Mar... reteza teus cordames,
cada véla é uma estrofe onde o vento soluça...
Molha a carena e zarpa... a indolencia aos infames...
tua audacia hade ser uma gloria inconcussa...

Sonha minas de luz... evóca aureos enxames
de thesouros senfim... acceita a escaramuça
dos arrecifes máos... e entre as ondas, acclames
o ouro flavo do Sól que, entre os longes, se imbuça...

— Regouge o temporal no Silencio das agoas,
esmechando calháos... estilhaçando mastros...
corre sobre os parceis... afóga as tuas maguas...

Has de chegar ao termo... é breve a estrada... avança...
— E, embóra fôsse longa... e subisse entre os astros
tinhas, velha galéra, o infinito... a esperanza...

SONETO AZUL

O azul, define o olhar, é a memória do estio,
das cigarras pagãs... dos extases no Poente...
das magnolias abrindo as folhas ao luar frio...
das borboletas, voando ao Sól, rubro e inclemente...

O azul, diz ainda o olhar, vi-o no espaço, vi-o
na tristeza polar de um canal transparente,
nuns olhos ontonaes que a agoa-morta de um rio
bebeu como dous sóes, a horas de luz morrente...

— Clave de sons azues que evócam meus sentidos
em rythmos immortaes, feitos de nervos flavos
e doçuras ideaes de sinos esquecidos...

— Clave de sons azues... nevoeiro de azues... fria
cabeça de vitral... saudade azul de cravos...
labio azul... mãos azues... minha Monotonia...

SYMPHONIA DO POENTE

Angelus... erra no ar a memoria da luz...
e os sinos dizem sons maguados, finos,
 que o ouvido não traduz...
— Ha delirios de amôr na garganta dos sinos...

Crepusculo... o Sól-Pôr incendeia um adeus
sobre as fôlhas poeirentas e paradas...
 Misturam-se com os seus
raios de sangue, os ais que sobem das estradas...

Longe da vida humana, a vida é bem melhor...
... No silencio da tarde ha vózes doentes
 que a alma sabe de cór...
— Doridas emoções que morrem entre os dentes...

Vózes que são a vóz das intimas paixões,
de sonhos esfumados e perdidos,
 de extinctas sensações
que ficaram sangrando entre os nossos sentidos...

Os platanos que estão movendo-se ao Sól-Pôr,
lembram lampadas mortas, cheias de ouro...
 ... Extrema-Uncção da côr
que alguém foi accender com gotas de ambar louro...

— E a vóz dos sinos, longe, é a vóz da Vida, no ar,
regougando entre bronzes surdos, cavos,
 que vêm despetalar
saudades outonaes sobre o incenso dos cravos...

Na ondulação azul e verde os cyprestaes
bolem, sonhando luares bons de Outubro
por noutes immortaes,
e a poeira exul dos sóes sobre um velho delubro. .

— E as nuvens lá se vão, riscando o céu de giz...
Passam azas sem rumo... a luz é uma ancia...
E, canciona, feliz
uma cigarra de ouro e de mel, na Distancia...

OS SONETOS

PRECIOSOS

Baccho dorme na relva humedecida e fria
dos orvalhos da noute... os lirios, ao seu lado,
abrem os caules de onde um luar estranho espia,
com olhares de cristal translucido, esfumado...

Cáe-lhe a clamyde aos pés... um Sól de ouro esfuzia,
queima os pampanos, do Alto, e proximo, o cajado
entretecido de hera, á flava luz do dia,
monta-lhe guarda como um rafeiro calado...

Por entre as parras, no ar, pendem pômos macios,
de pelle rija e bronzea, a que o onix se mistura...
— Desatam marulhando aves, fontes e rios...

— O outono vai chegar... revôam fôlhas viúvas
e, por toda extensão da planicie e da altura,
anda a gloria aromal dos thyrsos e das uvas...

Veneza accorda ao som dos sinos de San-Marco,
como um rubi precioso ao diluculo albente...
Seus canaes de onde escorre um fluido, tenue e zarco,
têm mollezas de Occaso... indecisões de Poente...

O Adriatico, sem um perfil quieto de barco,
lambe as praias e volta a lamber novamente,
encurvando-se longe, ao vir da vaga, em arco,
molhado inda de orvalho e de espuma silente...

As cathedraes são como um relicario cheio
de pérolas de Ofir, de marmores sublimes...
... Cada ogiva é um olhar... cada cupula um seio..

E o Sól descóbri além, nos ultimos retiros,
farto de luz perversa, os que pelos seus crimes,
agonizam de amôr na ponte dos suspiros...

A filigrana eril que se contorce, em curva,
pelos bordos da jarra, é um velho sonho extinto
de exótica feitura... a idade não lhe turva
o arrojo original das linhas de Corintho...

A porcelana entreabre, em flôr, e se recurva
em fôlhas... cachos de uva afivelam, num cinto,
as bacchantes e, em torno á ronda, assoma, turva
a juba de um chacal, de olhar vesgo e faminto...

Artemisa desnuda, os seios flavos, lassa,
cabellos soltos, dorme... esbrôa-se, ao seu lado,
com transparencias de agua espelhante, uma taça...

Andam faunos bailando ao som de rude frauta
emquanto, olhos em chamma e labio arreganhado
espreita, alégre, Pan uma nayade incauta...

RYTHMOS RUSTICOS

Morrem fôlhas lá fóra... murcham rozas...
A aza dos moinhos garatuja no ar,
linhas nervozas... cruzes dolorozas...

— E os moleiros... ao longe... a andar... a andar...

Cantam fontes á beira do caminho
cousas antigas... a vindima farta,
as uvas abundantes,
naquelle tempo bom de muito vinho,
os trigaes incendiados... os Sóes flavos
de Janeiro, entre azues macios e distantes,
o casamento de Roberto et Martha
num Domingo de cravos...

— E, agóra, os campos safaros minados
por uma febre de seccuras...
O estio queimou tudo nos montados...

As espigas bizarras,
abertas, em corymbo, a pontas de ouro,
desapparecem dentro das folhagens...
Só as cigarras
quebram metaes, zinindo um canto louro
entre as azas tympanicas e escuras,
pela monotonia das paizagens...

A gente rude e franca das aldeias
reza, baixinho... para o Sól não escutar...
e pede a Deus que o mande lógo, embóra...

Já la passaram quatro Luas-Cheias,
e as folhas estioladas riscam o ar
de manchas amarélas, a toda hora...

E o Sól, teimoso, a vir, a ensanguentar Crepusculos
e a cançar nervos e musculos...

A' Tarde, sob a vaga paz dos Poentes
o angelus se desfaz em brumas doentes
nas gargantas de bronze secular...
— E a alma dos sinos canta dentro da alma
triste de cada olhar...

— Mais um dia perdido para as bôccas!...

E aquella gente meiga, pensa, ainda
no Verão que não finda,
entre as fontes, que choram no caminho
o tempo das vindimas e do vinho,
com um sonho morto nas retinas loucas...

*
* *

Morrem folhas lá fóra... murcham rozas...
A aza dos moinhos garatuja no ar
linhas nervosas... cruces dolorozas...

E os moleiros... ao longe... a andar... a andar...

OS SONETOS

DO SANGUE

EXUL

Esse que sabe rir váe á festa da Vida...

— Quantos já vi passar neste longo caminho,
com os olhos postos no alto e a bocca resequida,
dezejosa de sól, de pampanos e vinho...

Vão em busca do céo na alameda comprida
que se perde lá-baixo... e eu sempre a olhar, sozinho
a audacia dos que vão para o orgulho da lida,
transpondo luar a luar, vencendo espinho a espinho...

— Cáem rozas... depois... outras rozas vêm vindo...
outras rozas caíirão... outras virão... e eu prezo,
a vêr os que lá vão pelo caminho infindo...

— Mas todos ao voltar trazem no passo triste
no labio exúl, nas mãos senis, no olhar accezo,
a mentira immortal de tudo quanto existe...

ALÉM...

Chegar ao que não sou pela idéa que trago
de subir, de vencer a estrada rude e obscura...
— Pampano que depois é vinho amargo e aziago
esse espaço em que a Vida Humana se enclausura!..

— O caminho transposto, outro caminho vago
surgirá mais profundo e muito mais escuro
que o primeiro... pensando assim, sequioso, vago
e, cigarra outonal minha fronde procuro...

A anciedade é senfim... mas a fronde se esquiva...
Meus passos vão rolar mortos nos meus ouvidos
e a minha longa sombra é a unica fórmula viva...

— E' em vão... no fim da estrada ha sempre uma outra estrada...
Meu dezejo é maior que os caminhos vencidos...
... Eu nunca heide chegar á fronde dezejada.

LENDA ANTIGA

Adolescente de olhos côr de luar,
cabellos côr de Outubro e mãos nervozas
para colher, para despetalar
nas unhas côr de roza, o ouro das rozas...

— Vaes mundo em fóra, pelo mundo alvar,
pondo sobre as feridas dolorozas
o incenso dos teus olhos côr de luar
e as fôlhas mortas dessas mortas rozas...

Canta que a tua bôcca é um sino doente,
canta as canções de Outono que cantavas
para o somno da luz, longe, no Poente...

A! quero ouvir-te ainda uma vez cantar,
cancioneiro feliz das horas flavas
adolescente de olhos côr de luar...

OURO...

SÓL...

SOMBRA...

NEVE...

PRIMAVERA

A evocação da Vida entre o sangue dos cravos
e o desespero azul de um céu, escampo e ardente...
Gloria pagã da Côr... ouro dos dias flavos...

Bemvinda Primavera,
impéra
eternamente...

A alma branca de Outubro é uma festa de rosas...
— Dôces recordações... vózes de Amôr no Poente...
esfumada paixão das horas dolorozas...

Bemvinda Primavera,
impéra
eternamente...

A alegria de ser diverso e ser o mesmo
... corpo velho e alma nova... alma que vibra e sente,
para andar ao senfim... para andar... andar a esmo...

Bemvinda Primavera,
impéra
eternamente...

Beber a luz do Sól... esquecer a memoria
humana que escravisa... aterrorisa e mente...
Sustar delirios vãos... torres de vento... gloria...

Bemvinda Primavera,
impéra
eternamente...

Esquecer é viver, olhos abertos, para
a inconsciencia feliz e sã de tanta gente...
— Ser feliz... nada mais... Felicidade rara !..

Bemvinda Primavera,
impéra
eternamente...

A Primavera é a Vida exuberante e calma,
sem tristezas de Inverno, engelhado e silente,
nem Occasos de Amôr... nem crepusculos de alma...

Bemvinda Primavera,
impéra
eternamente...

Muita luz... muito Sól, sobre os pedrouços brutos
que sangram pela estrada e rolam para a frente...
— A opulencia da flôr... a promessa dos fructos...

Bemvinda Primavera,
impéra
eternamente...

A Primavera é a seiva, a força que extravasa,
na apothéose da Côr, para a nudez do ambiente...
— Hymno que exsurge do ar entre rumôres de aza...

Bemvinda Primavera,
impéra
eternamente...

A evocação da Vida entre o sangue dos cravos
e o desespero azul de um céu, escampo e ardente...
Gloria pagã da Côr... ouro dos dias flavos,
Bemvinda Primavera...

VERÃO

Morre, no ar, o Silencio entre agudas fanfarras
de clarões fórtes, flavos...

O ambar do Sól dilúe-se, em ascuas, no alto,
numa festa de luz, de calôr, de alegria...

Brotam flôres bizarras
na alleluia das rosas e dos cravos...

A paizagem vermelha é um clarim que esfuzia
em notas de ouro sob um céu cobalto...

Na alma quente do estio ha delirios nervozos,
desesperos de côres e de sons...
fome de raras sensibilidades...
Estalam victoriosos,
para a gloria da luz os velhos ramos...
... Morrem Saudades...
cantam gaturamos
na cadencia feliz de quem vive de sons...

No céo, deserto e escampo,
arde, entre chammas, um azul eterno...
E, nas frondes bojudas e no campo
anda o Sól a accender labaredas de inferno...

Correm charruas pelos prados lisos...
a Vida tropical desabotôa
na frondaria aberta...
Despetalam-se risos...
Exsurge uma canção, amiga e bôa,
que a neve adormentou e que o Verão desperta...

Zumbem cigarras,
e a bohemia pagã que lhes sáe da garganta,
em zinidos dispérsos
e confissões bizarras,
parece feita de azas e de versos...

— A cigarra é uma estrophe... encanta e desencanta...

Anda nas azas seccas da cigarra
a memoria de um som incomprehendido
que, entre sedas e tympanos, desgarrá
para as pautas da musica do ouvido...

E ella compõe canções despreoccupadamente
incendiando sonatas e sonatas,
vocalizando, no ar,
a musica das mattas...
E vai, da aurora ao poente,
a ziniir... a chilrar... a zumbir... a cantar...

Ha na cigarra as emoções... a Vida...
Tudo que a luz nos dá, ella nos canta,
numa cantiga enfebrecida,
cheia de Tédio e de Monotonia...

— E, quando chega o Outono,
que encobre o Sól, e as arvores resfria,
a alma sente, isolada, entre aquelle abandono,
que as cigarras contêm o Verão na garganta...

OUTONO

Trago sede nas veias... minha bôcca
tem seccuras de estio... ancia dos favos
que exsurgem, do alto, nos cidraes enxutos...
Outono... desespero de alma louca...
delirio de renovos rijos, flavos...
Alleluia dos fructos !...

O ouro da luz mistura-se á esmeralda
dos ramos fartos e das frondes ricas...
Ha chilros tristes de cigarras viuvvas
que são as ultimas que o Sól escalda...
Por entre as parras estrelejam micas
na Alleluia das Uvas !..

A Terra abre-se em seiva e, breve, a messe
irrompe-lhe do seio exuberante,
cresce sobre os acúleos inimigos
e, sobre o gume das urtigas cresce,
rasgando, ao céu do Occaso e do Levante,
a Alleluia dos Figos !..

Rolam ribeiros na monotonia
das cousas vagas que a agua azul esconde...
Sobre a corrente, galhos polychromos
cantam, ao pezo são da frondaria,
desnudando, em corymbo, de onde em onde
a Alleluia dos Pômos !..

Outono... ha vozes no ar... vozes revessas
de écos que se repetem, quando a quando...
— Sussurro de cristaes e de missangas...
São apôdos, talvez... talvez promessas,
sob as mangueiras, que andam farfalhando
na Alleluia das Mangas !..

E eu rézo, na ara exul da Natureza,
ao Sól que em raios fulvos se derrama...
— Sól-louro dos trigaes e das vindimas...
Sól, proximo do inverno e da Tristeza,
Sól, que incendeia a derradeira chamma
na Alleluia das Limas !..

O Outono é uma apoteóse de rebentos...
... O poema das sementes victoriosas
que enchem a alma da Terra enfebrecida,
de desesperos mudos e sangrentos
e corôam de pampanos e rosas
a Alleluia da Vida !..

INVERNO

Cái neve... e a neve risca hyeroglifos de gelo
no ambiente alontanado e frio...

No Inverno, a Vida é uma paizagem triste...

— Géla o som... géla a côr... gela o mar... gela o rio
e gela o proprio olhar... nada resiste
ao gelo...

Todas as horas são a mesma hora indecisa,
feita de poentes rôxos... esfumados...

O levante é incolôr... a tarde... cinza e treva...

A alma da terra agonisa

na Saudade immortal do Sól flavo do estio,
entre galhos exues de cyprestes parados...

A memoria da luz anda no céo sombrio,
de treva...

Ha lembranças de amôr nas planicies desertas,
nos montados, ao fundo,
choupos evocativos dormem quietos...
A ! fanfarras do Mundo !..
— Esponsalicias vozes dos insectos
entre aras de verdura e corolas bizarras...

Borboletas... cigarras...
que fizestes dos vôos e dos cantos ?...
— Minguaram todos... e já foram tantos !...
Como dóem os dias,
por estas brancas monotonias
desertas...

No lar estalam brazas,
pelas paredes humidas, desnudas...
A mesma quietação que vai por fóra...
— No olhar vasio das estatuas, móra
a saudade das flôres e das azas
desnudas...

E o Sól que não vem mais para emplumar as aves
e degelar os lagos...
O Sól que é a luz, que é o som e que é o perfume...
A ! o Sól não ser eterno
para diluir, em ouro, esses Occasos vagos
em que se resume
a palheta do Inverno
— O inimigo
mais ciumento e antigo
das aves...

E, enquanto a neve cái, a alma recorda,
na Saudade immortal do sól flavo do estio,
— fibra por fibra... nota a nota... corda a corda...
nesse ambiente de Inverno,
alontanado e frio
a Alegria de um Sól, a arder, num céu eterno...

PAGÃO

Sangue... allucinação dos meus cinco sentidos...

Gloria aos labios pagãos que rasgaram a bôcca
para o beijo immortal... gloria aos labios unidos
no incendio emocional de una sonata louca...
Dyonisos... gloria a ti... gloria aos rubros rugidos
das Ménades, que o luar de manchas brancas touca,
sob a poeira estelar dos fulvos sóes tecidos
a fios de ouro exul... Gloria á garganta rouca
de ulular, no Silencio, á Volupia da Terra,
entre âmbulas de esmalte... e pampanos e palmas...
Gloria á Carne aromal que toda gloria encerra...
Gloria ao Sól... Gloria á luz... Gloria ao desejo exangue,
sequioso de vasar, na alma, todas as almas...

Gloria á Alegria... Gloria á Vida... Gloria ao Sangue!...

MISSAL

Si te disserem — « Vaes errado
neste caminho... »
ama o teu erro e, o passo dado,
segue o caminho
sozinho...

Si te applaudirem, que a Memoria
surdo te faça...
— A gloria és tu, pois, outra gloria
que o Mundo faça,
a! passa...

Si encontrares sonhos perdidos,
calhãos e pégos,
saibas que tens cinco sentidos...
— Homens e pégos
são cegos

Foge dos outros... tua Vida
será mais rara...
Canta na estrada indefinida
que a Idéa rara
enluara...

Rima canções com rimas de ouro,
quentes, bizarras...
feitas do mel invisível e louro
dessas bizarras
cigarras...

— O Outono chega... o labio cala...
morre a garganta...
Mas o Silêncio, ainda te fala
de uma garganta
que encanta...

Evita os codigos eunuchos
que a Arte sadia
enchem de Hunos e Mamelucos...
— Lei mais sadia
é o Dia...

Curva-te a' luz, que a luz, somente,
revéla a fórma...
Luz de zenith ou luz de poente,
a luz é a fórma
e a norma...

Neguem-te embóra, e o Mundo insista
em afastar-te,
põe toda a tua alma de artista
no afastar-te
para a Arte...

Tua vontade é a tua gloria...
Vive contigo...
Váe pela Vida transitória
sempre contigo,
Amigo...

Deixa que as mãos do iconoclasta
derranquem tudo...
— A verdadeira
fonte immortal nunca se gasta...
Refaz-se tudo
e tudo
é poeira...

VIDA

SILENCIOSA

SÓ

LEGENDA

*Fóge da Vida si quizeres vel-a
com todo o horror... com todas as loucuras,
e váe de Sól a Sól, de estrela a estrela
descobrir, em ti mesmo, o que procuras...*

*Deixa escorrer teu sangue impuro pela
agonia das horas mais escuras...
E a Vida... não almejes intendel-a
— Bonecos de ar... bazofias... imposturas...*

*Mente para teus olhos si quizeres
afinar os sentidos num motivo
de gloria... de caprichos ou mulheres...*

*Que te importa, a final, andares a esmo,
longe da Vida, e, sobre a Vida, esquivo,
si tens o orgulho de ser sempre o mesmo...*

...A'margem dos canaes antigos e nevoentos
a agoa-morta a chorar velhas canções de bruma...
... saudades outonaes de noturnos cinzentos,
entre o ouro dos lampeões e as camelias da espuma...

— Foi assim que eu senti nuns dias esquecidos
o mysterio interior das Vidas Silenciosas...
E a alegria pagã dos meus cinco sentidos
morreo... num Pôr de Sól... pelo Outono das rosas...

— Ninguém no meu caminho... o meu olhar somente...
E o caminho a estender-se... e este caminho, vence-o
aquella estrada rude, a perder-se no Poente...
— Sobre a minha cabeça a Distancia e o Silencio...

.

Minha Vida ficou sobre os canaes tranquilos...
E a agoa, sempre a passar... e os meus olhos no fundo
a olharem para mim... e eu a querer possuil-os...
e agoa-morta entre nós... e o caes... e a sombra e o Mundo...

ELOGIO DO SILENCIO

A Vida, para alguns, é uma estrada opulenta,
rica de pedrarias e thesouros
que, ao mais leve pisar, se desnuda e rebenta
em diaphanos cristaes e sangrentos rubis,
enchendo o olhar de Sól e de topazios louros...
... A Vida — a mãe dos bons e a mãe dos vis...

Quem lhe descer, de manso, as ribas desejadas,
ja farto de alegrias e de gloria,
sem as ancias do heroismo e o pó das caminhadas,
trará rosas nas mãos translucidas de luar
e rythmos de ouro e luz na visão transitoria
de um limite alcançado sem sangrar...

— E' uma descida azul... do azul que o céu desvenda..
uma paisagem fácil e remissa,
com flores de veludo e mosaicos de renda...
E' suave como um hymno e alacre como um pean...
tem affagos de seda e doçuras de missa
essa descida azul ... azul e sã...

Sonhei a Vida assim... guardei-a nas retinas.
como um poente de Maio, alto e dispérso
entre alvuras de linho e entre petalas finas
de cravos outonaes, a um canto de jardim...
E, depois de vasar a alma, vérso por vérso.
veio-me a sensação de ir ao senfim...

Tinha sangue pagão fervendo-me nas veias
e esthesias nervosas de conquista...

— Fiz o alicerce, fiz barbacãs... fiz ameias...
e, mais tarde subio meu castelo de heréo...
O horizonte era delle e, até perder de vista,
iam torres e ogivas pelo céu...

Para o Sól, meu irmão de gloria e de miseria,
rasguei-lhe a frontaria de granito
e, abrindo á luz radiosa, artéria por artéria,
numa sêde immortal de ousadias sem par,
meus olhos alarguei de infinito a infinito...
— Um dia, ao cimo, havia de chegar...

Do alto zimbório de ouro, incendiado e esplendente,
nem uma vóz longinqua se abeirava,
e o castelo a subir... a erguer a adusta frente...
— Morrera-lhe no ascenso a lembrança dos pés,
naquella irradiação escandescente e flava
de quem paira sobre ondas e marés...

— Embaixo a Terra humilde e o sólo escampo...
as cigarras beduinas entre os galhos
zumbindo, na bohemia esplendido de campo...
O arremesso brutal dos cabeços para o ar,
a opulencia da fronde... a aridez dos atalhos
e gargantas vadias a cantar...

Na floresta o esplendor dos troncos seculares,
a luta subterranea das raizes
e a frondaria aberta em profugos altares
para a celebração da missa do Sól-Pôr...
— Embaixo a ronda sã das gargantas felizes,
encima o desespero... encima... o Amôr...

*
* *

Dentro do meu destino, heraldico e sombrio
andam Saudades mortas... fôlhas mortas...
— Veio o Outono... e depois... frondes em desvario...
Meu castelo abateu... era pó... fez-se pó...
Rangem gonzos na minha estrada... batem portas...
A! doçura infinita de estar só...

E vou, sem rumo certo, ao luar, ao sól, ao vento,
com a bôcca cheia de canções antigas,
pelo céu de Verão... pelo Outono nevoento...
E vou, sem rumo certo ao sól, ao vento, ao luar,
na bohemia feliz de evocações amigas
que me seguem na Vida... a olhar... a olhar...

OS SONETOS

INTIMOS

Longas mãos que teceram meu Destino
longe de mim... sem que eu as visse, como
invisos fios de um tear divino
que procuro domar... mas que não domo...

Longas mãos com que todo me illumino,
que vieram para mim, sem um assomo...
Meigas... como a canção de um velho sino...
— Pômo do bem... ai !.. desejado pômo...

— Ancia da minha Vida... só com ter-vos
minha Felicidade encontraria
dentro do desespero de meus nervos...

Bemditas mãos que me fizeram monge
e que me acenam, na Distancia fria,
como um adeus... uma aza branca... ao longe...

Maldição de te amar contendo o Amôr a custo...
— Sobre a lava que estua a contricção que esfria,
... o gelo para as mãos... e o desespero adusto
dentro da alma incendiada... exúl apostasia...

Cada gesto desenha a tortura de um susto,
exprime a idéa flava, uma syllaba fria,
morre a intima expansão, como um mirrado arbusto
que, á mingua de ouro e Sól, murchasse de atonia...

Nos meus nervos pagãos a esthesia se gasta,
— exsurge-me do sangue a evocação dorida
de um Templo devassado.... um braço iconoclasta...

E chego... e me contenho... e o meu olhar se inflamma
e, outra vez... outra vez... para a gloria da Vida,
a eterna maldição de ser gelo e ser chamma...

... E o veleiro partio... para os longes, no Poente,
e o caes, poeirento e bom, ficou triste e vasio...
— A Saudade da luz e a Saudade da gente,
a invernica do olhar, e os nervos sem estio —

E eu me deixei ficar, contemplativamente,
olhos cheios de Sól, de ouro flavo e sadio...
— Na fluida limpidez da tarde transparente
Setembro havia posto um colorido frio...

... E o veleiro partio, de vélas soltas, no alto,
para a gloria do Mar, na paizagem violeta
do Outono, entre calhãos e cimos de basalto...

E, com elle, foi, tambem, panda, num desvario
de azas brancas, para o ar, uma ultima golêta...
— E o caes, poeirento e bom, ficou triste e vasio...

SONATA SEM RYTHMO

Ao longe, chóra no ar um Noturno dorido,
morrem sons pelo céo como fôlhas de Outono...
ferem-me a alma, sentido por sentido...

— A agoa-morta do caes
recompõe, em surdina, uma canção dolente,
cheia de nostalgia e de abandono...
Nascem recordações na tristeza do Poente,
... morrem sons pelo céo... morrem sons... morrem ais...

Minhas evocações seguem rumos distantes...
... além destas paizagens
endormidas no Tédio e no Silencio...
Afloram-me á Memoria esfumadas imagens...
E o meu delirio, vence-o,
a alta resurreição dos meus sonhos distantes...

Chego á beira do cáes... o meu olhar resfrio...
Na agoa-morta se espelha minha Vida...
— A Saudade do Sól fala na alma da tarde,
naquelle ambiente rôxo-frio,
em que não mais arde
a alleluia pagã de uma gloria esquecida...

.
.
Quedo-me a contemplar a distancia... e a distancia
augmenta... cresce... e, ao fundo, se avoluma...

As estrelas punctuam de ouro a Noute,
accende-se no caes, entre as algas, a espuma...
— Desespéro... não sei onde me acoute...

.
Desperta-me entre os nervos a ancia
de evocar novamente...
... morrem-me sons no ouvido...
meu olhar reproduz a tristeza do Poente...
— E' a Saudade immortal de um Noturno esquecido.

VERSOS SEM RUMO

E este espelho a mostrar-me o que valho na Vida...
— Agoa-morta a bulir dentro de um Sonho vago,
na meia-luz brumal, da côr indefinida
dos meus olhos que são como algas sobre um lago...

— Desespero de olhar uma fórmula perdida
num reflexo nevoento... e este sangue que trago
nas arterias, a arder... envenena-me a Vida...
— Agoa-morta a bulir dentro de um Sonho vago...

— Mostras o que te dão... és humano... copias
linha a linha o perfil... as mãos... a bôcca... o rosto...
porem, nunca farás senão fotografias...

— O espelho... a Vida... tudo é um reflexo no ar... a esmo...
— A imagem muda ao luar... ainda é outra, ao Sól-Pôsto...
Mas eu fujo de mim para ser sempre o mesmo...

LENDAS

DO

OUTONO

LEGENDA

*Paizagem fria... fólhas caem do alto...
choupos olham o céo, galhos parados,
extaticos... levantam no ar espalho
braços evocativos... empoeirados...*

*O ouro do Sól se esfuma no basalto
das montanhas... a leste... ha nos eirados
rumôres vãos de susto e sobresalto,
restos de vida extincta despertados...*

*Plange um sino e... depois, plange outro sino...
A alma do som accorda a alma da Tarde,
O Poente sangra, dolorido, fino...*

*Passam aves... o Outono... pobres dellas...
e, voeja ao Sól, que uma neblina encarde,
a Saudade das folhas amarelas...*

LENDA TRISTE

 Eo Verão la se foi para o Sól-Pôsto,
 velhinho... triste como as folhas viúvas
 que andam chorando, no ar, Saudades amarélas
 ... Já vai tão longe Agosto !...
 Ai! o Outono das uvas e das chuvas,
 dos coloridos vagos e distantes,
 ja vem calar gargantas tagarelas
 dentro das brumas destonalisantes...

E, também, para mim, o Outono veio...

Na alma dos meus jardins de florações morrentes
ha um rumôr de folhagens esquecidas,
anda um perfume de corolas doentes...
E a minha Vida corre silenciosa, ao meio
da lembrança immortal de tantas vidas...

— E tu que eu não conheço e que me fazes
superior a mim mesmo... avultas, quando
meus sentidos te evócam nessas phases
de glorias mortas e de luz sombria...
nesses Poentes senfim... que lá ficam sangrando
na Memoria do dia...

Tu... que és uma camélia aberta no meu sangue...
Luar de Maio sobre uma estrada sem declive,
onde canto a canção das horas esquecidas
no bandolim da minha bôcca exangue...
— Saudade de um Amor que eu nunca tive...
Canção das minhas horas esquecidas...

E o Verão lá se foi para o Sól-Pôsto,
e os meus jardins vão ficar sem
fôlhas... e a bruma vai alontanar teu rosto...

O outono veio, para nós, também...

AGOA-MARINHA

... Foste... e fiquei, e o caes ficou tambem commigo...

Por esse tempo o Outono andava
colhendo a sombra leve das violetas
entre o poeira vegetal das fôlhas mortas...

Lá ficára parada a hora mais flava
no alto quadrante de um relógio antigo...

... Foste... e fiquei, e o caes ficou tambem commigo...

— Presos nós dous á mesma terra triste...
presos a dezejar..

— Elle, o adeus branco das vélas pelo Mar,
eu, os teus olhos, nos meus olhos tristes...

Veio o Verão, e o Sól rasgou as frondarias,
abriu as açucenas nos canteiros
e a porcelana azul das kanangas bizarras...
E, para o cantochão das horas frias
entre a cinza brumal, longinqua dos nevoeiros,
soltou um bando louco de cigarras,
de jatys, de pardaes e de colleiros...

E as goletas chegaram, uma a uma
como grandes gaivotas, do Sól-Pôsto,
trazendos pelas
manchas das vélas côm de espuma
os desesperos tragicos de Agôsto
e a Saudade de um céu cheio de estrelas...

— Todas chegaram... e mais outras vão chegar...
E o caesperto do Oceano... e eu sempre junto ao caes..
Nós dous a dezejar...

— Elle, a aza das goletas pelo Mar,
eu, os teus olhos que não voltam mais...

... Foste... e fiquei, e o caes ficou tambem commigo...

LENDA INTIMA

Outono vem ahi... nos Crepusculos altos
agonisa, sangrando, o ouro do estio...
e as seivas enchem o ar do incenso das vindimas..
Entre os ramos espaltos
andam, penando, folhas amarelas...
No ambiente cavo, desnudado e frio,
sobe um rumor de vozes tagarelas...
...e as seivas enchem o ar do incenso das vindimas...

Foram-se os coloridas
num claro-escuro destonalisante...

— Outono... morrem petalas nas hastes...

Em torno aos cravos endormidos
na gloria dos pedunculos erectos,
instante a instante,
zumbem monotonos insectos...

— Outono... morrem petalas nas hastes...

... Outono vem ahi... como me lembro...
daquelle Outono triste de teus olhos
mortos, entre as violetas das olheiras...
— O Outono te levou, na extrema-uncção das rosas...
O Outono te levou, como os lirios e as freiras,
num dia vago de Setembro,
num dia de canaes e de beguinas...

— O Outono vem bater as horas dolorosas
que me accordam, no fundo das retinas,
aquelle Outono triste de teus olhos...

... Outono vem ahi...

A VIDA

E tudo acaba... e em tudo a mesma gloria triste
de uma ascensão falhada... e de um caminho incerto...
E si a luz refloresce é porque a Sombra existe...
...Quando a estrada é mais longe a sonhamos mais perto...

— Esperei-te... esperaste... e não nos encontramos...
Veio a Vida e passou... um minuto... e nós fômos
na Vida que passou, como estes velhos ramos
que nunca se unirão... desejando-se os pômos...

Mas... enfim... si te amasse e, si tu fôsses minha,
mentiria, depois, a minha Vida inteira...

— No Amôr que floresceo... no olhar de quem caminha
ha fôlhas outonaes e horizontes de poeira...

E tudo acaba... e em tudo a mesma gloria triste
de uma ascensão falhada... e de um caminho incerto...

CANÇÕES

DO

SÓL-PÔSTO

CANÇÕES DO SÓL-PÔSTO

I

Vens de longe... que trouxeste
das terras que a bruma ensombra...
— A Saudade de um cypreste
na Memoria de uma Sombra...

Aonde vaes alma perdida?..
— Não sonha venturas, pois
toda a Alegria da Vida
é uma Tristeza depois...

II

Andei em busca de pérolas
entre arrecifes e abrolhos,
e fiz um throno de nácar
para a dona dos meus olhos...

Roubei ao vento harpas éolias
e bandolins imbutidos
de ouro... e dei frautas e cytharas
á dona dos meus ouvidos...

Enchi meus cestos de pampanos
e, numa alegria louca,
levei-os, flavos e tumidos,
á dona da minha bôcca...

Despetalei thyrsos virides
sobre o ambar de incensos louros...
Queimei todos os thurybulos
á dona dos meus thesouros...

Oppuz correntes herculeas
aos meus desesperos vãos,
e, entreguei as mãos exóticas
á dona das minhas mãos...

Destino...

Perto da tua alma esplendida
são poucos os bens perdidos...
Gloria ao nosso Amôr translucido
ó dona dos meus sentidos...

III

Bateu-me, de manso, á porta...
abri-a, feliz... a rir...
— O Outono... cantavam sinos...

Fechei... lentamente... a porta...

Calaram... depois... os sinos...
E havia no meu olhar
uma Saudade tão morta...
que o Outono, desde esse dia,
não quiz... nunca mais... sair...

Memoria do meu olhar...
Sól de Janeiro... Alegria...

A! desde esse longo dia
eu nunca mais soube rir...

IV

Caminheiro da Vida ouve a tua Saudade...
... ólha a estrada melhor... teu caminho é maldito...
... Depois da immensidade... a immensidade...
e depois do infinito... outro infinito...

... Caminheiro da Vida,
teus passos rolarão no Silencio da Vida...
Canta... numa renuncia... a Saudade da Vida...

V

E estes sinos... e este Poente...
e esta Agonia de Agôsto...
e este salgueiro... e esta gente...
e estas fôlhas ao Sól-Pôsto...

OS SONETOS

ETERNOS

Na indagação correis, homens, vindos da terra,
e, sempre, heis de encontrar o cáos, o ignoto, o nada...
No mesmo vacuo abstracto o Senfim vos descerra
o ponto da partida e o termo da chegada...

A pergunta retorna ao que a pergunta encerra,
a carne volta ao pó... a alma não retrograda,
e, desde o rio ao mar, desde a planura á serra,
a Vida hade sentir a Natureza errada...

Dentro da Vida-Humana a propria Vida afira
a idéa inerte, o idéal sem rumo, o esforço ingente
da mentira menor para a maior mentira...

E o Tédio, augmenta, na alma, a sêde indefinida,
e céga o olhar, e abafa a luz e se faz Poente,
para negar o Amôr... para negar a Vida...

Velho de pouca idade, anda commigo,
e, quanto andares mais, menos, de certo,
o atalho que tu segues e que eu sigo,
veremos alargar-se em campo aberto...

Que os nossos passos sejam bons, amigo...
— Não te esvurmem acúleos, e o deserto,
legua a legua, castigo por castigo,
venceremos, sonhando o termo pérto...

Chegaremos, embóra os pés sangrando
da ultima dôr do derradeiro passo,
sobre o caminho cruento e miserando...

— E nunca te acobardes, que é exquesito
teres o corpo exangue de cansaço,
e os olhos transbordantes de infinito...

Manhã... ouro nas rosas... écos varios,
rios correndo para o Mar que os chama...
o Homem accorda em busca de calvarios...
— O ideal, o amôr, a gloria, o fausto, a fama...

Meio-Dia... andam sons retardatarios
no calôr e na paz que o Sól derrama,
ardem no alto, os vitraes e os campanarios
são lareiras em luz... olhos em flamma...

A Tarde abre, no Poente, olheiras rôxas...
o Homem prosegue sempre, as mãos em lava,
anciantes de esperanças moles... frouxas...

*
* *

— O Occaso vinha e a Noute e vinha o Dia,
e, quanto mais o peregrino andava
mais o caminho, ao longe, se estendia...

LEGENDA

Minha Vida interior corre longe da vida...
Fil-a na extrema-uncção das magnolias ao Poente...
com a nevoenta feição de uma Tarde esquecida
no fundo dos canaes de alma convalescente...

*E' tão manso meu sangue... e tão bóa a subida...
e a Saudade da luz que arde, serenamente,
numa ronda immortal, é tão calma et vivida
que o Mundo passa e estruge e o sangue não no sente..*

*Canta no meu olhar a alma de um cysne antigo,
de um cysne que morreu, ao Sól-Pôr... no abandono...
e meu olhar é o meu maior e unico amigo...*

*— E caminho... e o caminho é sem termo... que impórta,
vou por elle commigo, até que venha o Outono
e eu fique, por ahi, como uma fólha morta...*

*Terminou-se a impressão deste livro em
Novembro do anno de MCMXIII, nas
officinas graphicas da Casa CRÈS ET C^{ie},
Paris.*



